



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E ÉTNICO-RACIAL EM MEGACIDADES, GRANDES CIDADES E CIDADES GLOBAIS AFRICANAS

THIAGO AUGUSTO FERREIRA DA COSTA¹

RESUMO. O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão a respeito dos fenômenos estruturais da segregação socioespacial e étnico-racial, que ocorre atualmente em megacidades, grandes cidades e cidades globais em África. Para isso, será feita, de início, uma apresentação de cenários futuros que atravessam as discussões da urbanização africana. Em seguida, serão abordadas questões históricas e discursos presentes em alguns países africanos, e que ajudam a explicar aspectos étnicos, raciais, sociais e espaciais perpetuados no espaço urbano. Esses aspectos contarão com exemplos de cidades de países da África Subsaariana, onde a superpopulação e os altos investimentos estrangeiros no mercado imobiliário agravam os efeitos segregacionistas e confirmam o processo de nova colonização, aquela do capital, em relação aos países centrais.

Palavras-chave: Cidades Africanas; Urbanismo; Segregação; Socioespacial; Étnico-racial.

Introdução

A população mundial estimada para 2030 é de 8,6 bilhões de pessoas, mais do que os atuais 7,6 bilhões (NAÇÕES UNIDAS, 2017). Nove países responderão por mais da metade desse crescimento, dentre esses, cinco africanos (Nigéria, República Democrática do Congo, Etiópia, Tanzânia e Egito). Portanto serão necessários investimentos em desenvolvimento sustentável e planejamento urbano, como veremos especialmente em África.

Ainda em 2030, dois terços da população mundial viverão em cidades, e essas produzirão 80% do PIB do planeta, com novas megacidades surgindo em Ásia, América Latina e África. O aumento do custo de vida nesses superaglomerados é certo, bem como em metrópoles de pequeno e médio porte. No entanto é nas cidades globais onde ocorre a urbanização de ponta, embora não sejam líderes em crescimento (NAÇÕES UNIDAS, 2017).

¹ Mestrando em Urbanismo e Segurança Pública pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAUFBA; Pesquisador do Grupo de Pesquisa Lugar Comum; Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB; Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR; Bacharel em Segurança Pública pela Academia Policial Militar do Guatupê (Paraná) – APMG. E-mail: thiago.aug.fer@hotmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Os centros urbanos que mais crescerão em África serão as pequenas e médias cidades, aquelas com menos de um milhão de habitantes, que concentram 62% da população urbana (NAÇÕES UNIDAS, 2017). Mais uma vez será necessário ter planejamento urbano, verde e sustentável, para que essas cidades não se tornem superaglomerados desestruturados.

Segundo Nações Unidas (2017), "megacidades" refere-se àquelas gigantes em termos populacionais, não considerando outros aspectos. O termo "cidade global" é usado quando fazemos uma análise do grau de influência sobre outros centros urbanos do mundo (DECICINO, 2014).

Resgate das origens

As sociedades africanas dos séculos XVI ao XVIII eram hierarquizadas, centralizadas, baseadas na cobrança de impostos sobre povos vencidos e comandadas por elites familiares militarizadas (MACEDO, 2008). A posterior pobreza estrutural do continente pode ser explicada pelo tráfico de pessoas escravizadas, com início no século XVI, que gerou a maior imigração forçada e dispersão sociocultural da humanidade, a Diáspora. Começara então uma interferência europeia que marcou para sempre os rumos da África (MACEDO, 2008).

A abolição da escravatura veio a partir da mudança do discurso cristão inglês que, agregado de ideias iluministas e revolucionárias, pós-independência norte-americana, expandiu o humanitarismo para as pessoas africanas. Via-se a vantagem de uma população consumidora em África, que pudesse beneficiar a matéria-prima antes da venda ao ocidente.

Segundo Macedo (2008), colonialismo e imperialismo em África sustentaram a segunda revolução industrial europeia do século XIX, dividindo africanos entre nações da Europa, no mapa, sem levar em conta a territorialidade étnica. Duas grandes guerras mundiais (1914-1945) exploraram forças de pessoas africanas, que lutavam nas frentes de batalha



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

na causa de suas metrópoles. No pós-guerra, o surgimento de outra disputa, a Guerra Fria, alinhava interesses de capitalistas e socialistas sobre territórios dominados em África, de 1945 a 1960, quando começaram os movimentos de independência dos países colonizados.

A base ideológico-científica dessa dominação foi o racismo, onde a pessoa africana, desumanizada na escravidão, foi depois inferiorizada enquanto humana na abolição. Séculos de exploração e racismo resultaram em Estados africanos frágeis, com sucessivos regimes de exceção e dependentes do comércio internacional com suas ex-metrópoles, exceto na África do Sul (MACEDO, 2008). No entanto, desde o século XIX ocorre, enquanto construção identitária do continente, a insurgência de uma filosofia africana e Pan-africanismo (ideologia de união dos povos da África como forma de potencializar a narrativa do continente).

Megacidades, grandes cidades e cidades globais africanas

a. Nigéria, o “Gigante da África”

Lagos, na Nigéria, é uma megacidade de 21 milhões de habitantes (WPR, 2019), a maior cidade do continente. No século XIX, o neocolonialismo colocou a Nigéria sob o jugo inglês, de governo indireto, com chefes locais e segregação étnico-racial (KHAPOYA, 2008).

O país tornou-se independente em 1960, mas, desde então, alternaram-se no comando governos civis democraticamente eleitos e ditaduras, sendo que apenas as eleições presidenciais de 2011 foram livres (NOSSITER, 2011). Atualmente o governo nigeriano conta com grandes investimentos, sobretudo ingleses e norte-americanos, para o financiamento de grandes empreendimentos.

Lekki, por exemplo, é uma cidade em construção desde 2008. Vizinha à Lagos e situada na península, tinha somente a primeira fase concluída em 2015, abrigando residenciais fechados, terras agrícolas, Zona de Livre Comércio, aeroporto e um porto marítimo. Sob



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

o título de “cidade ambiental azul e verde”, essa cidade global suportará 3,4 milhões de pessoas, das classes média e alta, e uma população flutuante de 1,9 milhões, ou seja, trabalhadores que habitam fora de Lekki (BALDWIN, 2019). A primeira fase foi implantada sobre a região de Maroko, um bairro popular destruído em 1990 pelo governo militar do estado de Lagos.

Outra cidade global nigeriana, em construção desde 2007 e na borda da capital, é a chamada Eko Atlantic. No entanto, assim como Lekki, não é para a maioria da população lacobrigense. Toneladas de areia criaram um aterro na foz do canal que liga a grande lagoa e o oceano, sob o discurso de “minimizar os efeitos da maré sobre o porto”. No aterro ergue-se a futurista “Dubai da África Ocidental”. Novamente um reduto de classes média e alta está sendo construído, em arquitetura *hightech* e *slogan* de cidade tecnológica.

Há apenas 12 minutos de carro de Eko Atlantic está Makoko (o que restou de Maroko), povoada por 100 mil pessoas (AGWU, 2015), conhecida como “Veneza da África”. Makoko resiste na sua segregação forçada, mesmo dentro do centro financeiro de Lagos. Ela se separa espacialmente, por ter poucos acessos, e socialmente, por abrigar pessoas de menor renda, atraídas pela oportunidade econômica do grande centro. Makoko também é uma estratificação étnico-racial, servindo de alternativa à fuga de conflitos da etnia Ogum.

Falamos então de Abuja, capital da Nigéria desde 1991. Seu custo de vida é elevado e a cidade possui atualmente 400 mil habitantes (ABUJA, 2019). Em relação a outros centros urbanos do país, Abuja é considerada segura, pois há um cuidado muito grande com alertas que vêm das regiões norte e sul do país, incluindo constantes ameaças terroristas. Por isso, é no distrito da capital federal onde fica Centenary City, ou “Cidade Centenária”, um projeto ambicioso do governo para construir uma “cidade inteligente”, longe dos problemas de Lagos.

b. República Democrática do Congo (RDC)



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Kinshasa é a megacidade congoleza, com 12 milhões de habitantes, dos quais 8 milhões vivem abaixo da linha da pobreza (NAÇÕES UNIDAS, 2018). Uma das causas é porque a RDC, que antes da independência (1960) era chamada de Congo Belga, sofreu o mais violento processo de colonização da África. Em 1878, essa região começou a ser explorada, com entrepostos comerciais no rio Congo, sob ordem do rei belga Leopoldo II. Na Conferência de Berlim, em 1885, conhecida como “Partilha da África”, entre as potências europeias, Leopoldo II recebeu o território congolês como possessão pessoal. Ele governou com extrema brutalidade, inclusive amputando trabalhadores escravizados (UNESCO, 2010).

Mesmo após uma superexploração colonial, a RDC sofreu no pós-independência com a ditadura de Mobutu Banga, por 32 anos – período em que o país se chamou Zaire. Apoiado militarmente pelos EUA, esse regime gerou uma guerra (a maior do mundo desde a II Guerra) entre as diversas etnias do país, confinadas dentro de um mesmo território outrora idealizado pela Bélgica. A riqueza mineral da RDC acaba por financiar milícias e contrabando, enquanto o povo congolês continua empobrecido e explorado nas minas, além de confiscado em 10% na produção agrícola (CARRANCA, 2013).

Apesar disso, um empreendimento para a classe média está sendo construído, desde 2008, excluído da Kinshasa dos 75% de ocupação irregular do solo. Se chama La Cité du Fleuve, ou “Cidade do Rio”, por se encontrar confinado em uma ilha do rio Congo. A segregação socioespacial, nesse caso, dribla o conflito de terras da expansão urbana de Kinshasa, mas desapropriou as margens do rio para que fossem construídos os acessos.

Esse novo padrão de habitação, segundo os empreendedores franceses, indianos e chineses, oferecerão aos moradores de Cité du Fleuve uma “cidade inteligente” global, com água de qualidade, gestão de resíduos, segurança e sistemas de transporte. São raridades para a sociedade congoleza que habita fora dessa “ilha de prosperidade”. Uma nova imagem de RDC é construída, longe da guerra étnica, da fome e das doenças, mas perto da via de escoamento da produção mineralógica, o rio Congo.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Aos olhos de quem enxerga Cité du Fleuve a partir de Kinshasa, a inacessibilidade e a arquitetura militarista espantam qualquer possibilidade de que um dia o colonialismo segregador possa ser superado na RDC.

c. Tanzânia, na África Oriental

Tanganica, a parte continental da atual Tanzânia, foi uma colônia alemã, de 1880 até 1919, quando entregue ao Reino Unido por consequência da derrota da Alemanha na Primeira Guerra. Zanzibar, a parte insular, era um sultanato independente, que se tornou um protetorado britânico na mesma época. Tanganica tornou-se independente em 1962 e uniu-se ao Zanzibar para criar a República Unida da Tanzânia.

Dodoma é a capital, com pouco mais de 2 milhões de habitantes (CENSUS, 2013). Fundada pelos alemães, em 1907, a cidade deveria ser “a principal aldeia de uma nação de aldeias”, segundo o pensamento dos fundadores, “em escala humana e para ser experimentada a pé” (FRIEDMAN, 2012). Apesar disso, seguindo o modelo colonial, a cidade foi construída segregada à aldeia nativa existente na região.

Hoje Dodoma é uma cidade de micropolos (*clusters*), com vários centros de atração urbana, em maior parte com traçado orgânico, de inspiração inglesa. Seus princípios básicos seguem o modelo de cidade-jardim corbusiana, com cinturões verdes separando zonas especializadas para moradores de média e alta renda, comércio e indústria.

Segundo Beeckmans (2018), este modelo modernista e segregador de Dodoma foi concebido inspirando-se em Brasília, como um projeto de nação e para cimentar uma identidade de independência. Assim foi também na Nigéria (Abuja), Botsuana (Gaborone), Malawi (Lilongue) e Mauritânia (Nouakchott).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A antiga capital, e ainda a maior cidade da Tanzânia, é Dar El Salaam, com 4,3 milhões de habitantes (CENSUS, 2013). Esse centro urbano tem um plano de desenvolvimento que preza pelo turismo e pela sustentabilidade (LAGO, 2013).

Dar El Salaam possui um planejamento urbano radial e de centralidades. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP, 2015), no entanto, o crescimento da economia tanzaniana beneficiou a poucos, deixando de fora a maioria da população. A requalificação da orla da cidade, por exemplo, expulsou assentamentos tradicionais e verticalizou a região, assim como vai ocorrer ao longo do rio Msimbazi.

Kigamboni City é uma cidade global tanzaniana, cujo plano de desenvolvimento foi proposto em 2010, situando-se em um distrito ao sul de Dar El Salaam. As atividades dentro da cidade são bem definidas espacialmente, como indústria, esporte, turismo, residência e educação, na insistência ao modelo modernista atrelado ao automóvel. Na parte residencial, a distinção social acontece com a tipologia arquitetônica, do médio ao alto padrão. Similarmente à Eko Atlantic nigeriana e à Cité du Fleuve congoleza, Kigamboni City segrega-se espacial e socialmente da maior cidade do país, mesmo a ela sendo adjacente.

O apelo ao safári, atividade lucrativa para a Tanzânia devido aos parques nacionais, foi trazido para o litoral através de Kigamboni City. Espera-se, com isso, a busca pelo mercado internacional de imóveis como viabilidade deste projeto global, pois a maior parte do terreno é constituído por área residencial. Como consequência, mais de 90 mil pessoas do litoral foram reassentadas para longe do mar. Portanto a divisão que era mais étnico-racial na colônia (bairros europeus, indianos e asiáticos), atualmente é definida muito pela renda. O que ocorre ainda como divisão étnico-racial em Dar El Salaam diz respeito aos lugares em que grupos de migrantes se estabelecem quando chegam na cidade (MOSHI; MSUYA; TODD, 2018).

Arusha é uma cidade no interior da Tanzânia, conhecida como “a capital turística verde”, por estar localizada próxima às savanas e ao Kilimanjaro, o ponto culminante da África.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Espera-se um grande investimento no setor turístico dessa região, de 1,7 milhões de habitantes (CENSUS, 2013), principalmente vindos do Banco Mundial, EUA e China, o que causa grande especulação imobiliária, tanto no centro quanto na periferia (OWENS, 2014).

Grandes empreendimentos turísticos (incluindo campos de golfe) estão ocupando vastas porções de terra em Arusha, maiores até mesmo que os assentamentos consolidados. Além disso, não há mais espaço para se construir, pois nas bordas estão as áreas rurais exploradas por redes comerciais. Com isso, há diversos conflitos com a população local, que se sente pressionada pelo avanço imobiliário (OWENS, 2014). Ao invés de um planejamento participativo, segundo Owens (2014), o próprio governo compete com o privado pelo turismo.

Não por acaso, é nessa região que se planeja construir a cidade global de Safari City, satélite à Arusha, “mais moderna e menos fracassada” do que a capital regional. Destinada à média e alta renda, apresenta uma diferenciação social definida pelo zoneamento. As ruas convergem ao centro, onde a volumetria enquadra o pôr do sol da savana e nos leva a um portão de Tebas, uma clara referência ao Egito Antigo como esplendor africano. No entanto, com seus 13 km de distância de Arusha e acesso exclusivo automobilístico, o “veraneio de estrangeiros” Safari City se distingue como uma cidade global que exclui os “sem estilo”.

d. Quênia, na África Oriental

O Quênia é formado por 47 povos. Foi protetorado britânico desde 1895, com disputas entre ingleses e povos tradicionais, até a declaração de independência em 1963. Apesar disso, o Quênia só se tornou multipartidário em 1991.

Nairóbi é a capital, com 4,5 milhões de habitantes (WPR, 2019). A cidade foi fundada em 1899 pelos britânicos, no caminho da ferrovia que liga Uganda ao oceano, e hoje é um centro de negócios, cultura e de órgãos internacionais.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Sobretudo a partir de 1948, o plano de desenvolvimento de Nairóbi marginalizava a população de menor renda em prol de um zoneamento funcionalista. Quem foi deixado de lado foi Kibera, um bairro à oeste da cidade e uma das maiores ocupações irregulares da África. Sua formação começou quando os britânicos autorizaram que soldados retornados ocupassem áreas residuais da ferrovia. Assim como em outras grandes cidades africanas, os planos de desenvolvimento seguintes foram “estratégicos” e privilegiaram o neoliberalismo para construir uma “metrópole africana”, a favor do reforço na segregação socioespacial.

Konza Technological City, ou “Konza Cidade Tecnológica”, é uma das cidades globais quenianas, o “Vale do Silício da África”, criada em 2013 para competir com outras cidades na busca pelo capital estrangeiro. Esse fenômeno é comum na África Subsaariana.

A atração de capitais norte-americanos, europeus e chineses foi rápida e foi adquirido um terreno a 60 km de Nairóbi, a caminho do porto de Mombaça. No entanto, os investidores não contavam com a disputa étnica pela terra, comum no processo pós-colonial dos países africanos, e que acabou atrasando o início das obras.

O projeto foi frustrado pela competição com Kigali, capital de Ruanda, a pouco mais de 1000 km de Konza. A propósito do projeto, Konza City trouxe como propostas o afrofuturismo, a “cidade inteligente”, o pôr do sol na savana, a setorização em eixo, a arquitetura contemporânea (*hightech* e paramétrica), além de corredores ecológicos.

Esse projeto também inclui, a cargo de um posicionamento neoliberal, uma zona de bloqueio verde, de 10 km de largura, com o fim de coibir a formação de novos assentamentos.

Tatu City, outra cidade global queniana, fica a 24 km ao norte de Nairóbi. Com capital queniano, neozelandês, britânico e americano, essa cidade está desenvolvendo um projeto urbanístico descentralizado e de uso misto, desde 2013, para atrair a elite local do agronegócio sul-queniano. Bairros pequenos e com segurança privada, com reserva



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

ambiental e diversas limitações quanto ao estilo arquitetônico das casas, põem à mostra a fuga da elite por causa dos conflitos étnicos pela terra do Quênia moderno.

e. Maurício, no Oceano Índico

Entre África e Índia estão localizadas as ilhas Maurício, além de territórios reivindicados, oficialmente britânicos e franceses. Um desses está no meio do Índico, Diego Garcia, que possui uma base militar estratégica norte-americana. Construída com autorização do Reino Unido durante a Guerra Fria, essa base obrigou à remoção 1200 habitantes autóctones, que foram mandados a países vizinhos, incluindo Maurício, onde atualmente vivem em ocupações irregulares (TKACH; AMANPOUR, 2013).

Atual rota de navios de todo o mundo, Maurício foi colonizada por franceses, no século XVIII, e britânicos no século XIX, o que faz prevalecer seus idiomas no país. Port Louis é a capital, com mais de 150 mil habitantes (WRP, 2019), desses, chineses e indianos. Essa cidade busca, na especulação imobiliária, uma imagem europeia caricata. O exemplo é Le Caudan Waterfront, ou “Caudan Beira-mar”, onde o local de desembarque de indianos escravizados, no século XIX, tornou-se um parque de diversões. O aumento do preço das terras forçou os habitantes da costa da cidade a migrarem para o interior. Muitos desses, veganos hindus e islâmicos, foram obrigados a constituir fazendas de criação de porcos e peixes retroalimentados, que por isso não servem ao consumo dos seus próprios criadores.

Ebene Cybercity, ou “Ebene Cidade Tecnológica”, é a cidade global mauriciana, a 15 km ao sul da capital. Sua construção começou em 2001, com o intuito de integrar o comércio entre África e Ásia, sobretudo com investimentos indianos e sul-africanos. Ebene possui uma ocupação estritamente comercial, não prevendo residências. Para isso, uma outra cidade está sendo criada, a Côte d’Or City, ou “Cidade da Costa do Ouro”, um grande condomínio fechado que contribui ainda mais para a segregação socioespacial das classes média e alta.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

f. Gana, “Estrela Preta” na África

Marcus Garvey, ativista político, editor, jornalista, empresário e orador jamaicano, do início do século XX, foi o pan-africanista que idealizou a companhia “Estrela Preta”. Comprometido com o desejo de que os afro-americanos garantissem a sua independência financeira, Garvey lançou vários negócios nos EUA, dentre eles a empresa de transporte Black Star Line, ou “Linha Estrela Preta” (ligação naval entre a América do Norte e a África). Garvey idealizava a volta dos africanos da Diáspora e seu esforço foi homenageado na bandeira de Gana, com uma estrela preta.

Inspirado no garveísmo, o ganês N’Krumah foi também um pan-africanista, e não poupou esforços até que a nação ganesa fosse independente do Reino Unido. Em 1956, ele estabeleceu um governo de inspiração socialista, cujo nome Gana se deu em homenagem ao império pré-colonial do oeste africano. Deposto em 1966, N’Krumah viu Gana marcada por governos que se alternavam entre golpes de Estado. Só em 1992 ocorreram as primeiras eleições livres. Em 2011, Gana era uma das economias que mais crescia no mundo (14%).

Acra é a capital, com 2,5 milhões de habitantes (WPR, 2019), congestionada, atingida por alagamentos e poluída com toneladas de lixo que vêm ilegalmente de países centrais. No entanto, a cidade possui diversos empreendimentos financiados por capital nacional e estrangeiro, principalmente britânico, que fazem parte do plano de desenvolvimento urbano.

Dentre esses, o Villaggio Vista (conjunto de edifícios próximo ao aeroporto), o Gold Coast City (edifício de uso misto), Aerotropolis (nova cidade-aeroporto multifuncional, na região de Acra), Ningbo-Prampram (nova cidade, planejada por escritório holandês, na região de Acra) e Marina Drive (requalificação do centro de Acra). Para isso, ver o mapa 1.

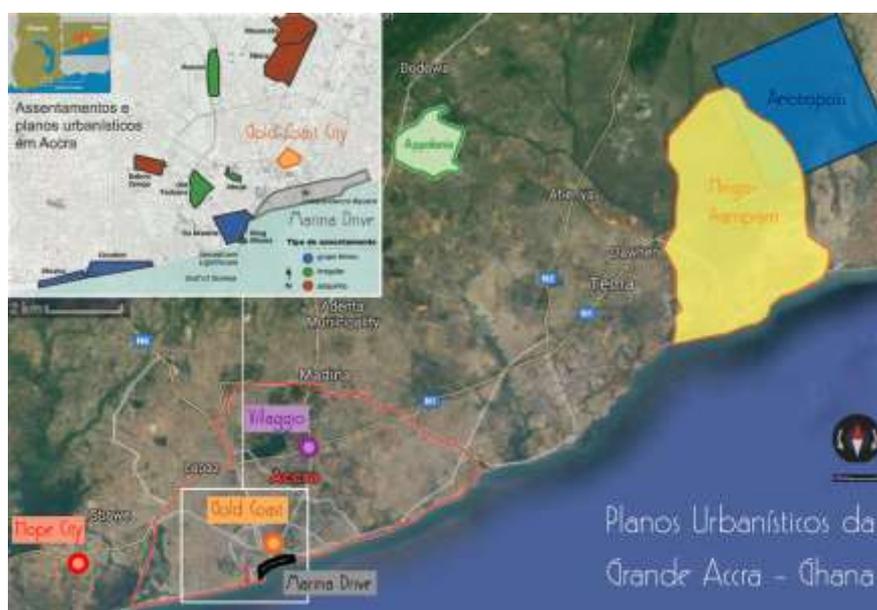
Ainda no mesmo mapa, vê-se em Acra 3 grandes assentamentos de grupos étnicos (azul, no mapa menor), 3 grandes ocupações irregulares (verde, no mapa menor) e 3



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

outros assentamentos que foram adquiridos para regularização (marrom, no mapa menor). Essa é a realidade oposta aos grandes empreendimentos da cidade.

Essa segregação em Acra gira em torno dos interesses das classes média e alta de Gana de se isolarem (30% da população). Enquanto isso, exclusão e inacessibilidade são destinadas às classes de menor renda, aquela mais vulnerável aos conflitos étnicos que se sucederam à partilha de terras comunais no pós-colonialismo. Sem alternativa, essa parcela da população (70%) se concentrou em assentamentos precários, que por vezes caracterizam homogeneidade étnica. Uma curiosidade é Tabom, bairro de Acra formado por descendentes de pessoas escravizadas retornadas do Brasil, cuja cultura do *candomblé*, comidas típicas brasileiras e alfaiataria continuam presentes no dia a dia dos moradores. No entanto, a língua portuguesa foi perdida ao longo dos anos (NATGEO, 2018).



Mapa 1 – Planos urbanísticos e assentamentos da Grande Acra.

Fonte: adaptado pelo autor, de Google Maps (2019), Awal e Paller (2016).

A desvalorização do tecido urbano de Acra pelas “classes indesejadas”, vendedores informais (constantemente removidos pelo governo), desabamentos, alagamentos e congestionamentos, criou nas classes média e alta o desejo de fugir da cidade (*fugere urbem*).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Por isso, ainda no mapa 1 acima, se pode ver o surgimento de dois outros empreendimentos ao redor da capital: Hope City, ou “Cidade da Esperança”, e Appolonia. O primeiro, um centro tecnológico, residencial e comercial, que imita a formação aldear tradicional em seis luxuosas torres. O segundo, uma cidade global da classe média, longe de Acra, mas que investe em melhorias para a população local, construindo uma escola e um hospital de pequeno porte. Ambos têm grande investimento privado nacional e europeu.

g. África do Sul, terra dos “Cinco Grandes”

A África do Sul, terra de leões, elefantes, rinocerontes, búfalos e leopardos, é a segunda maior economia do continente, atrás da Nigéria. No entanto, é o país com a melhor infraestrutura da África. Além disso, é um dos poucos países africanos onde não houve golpe de Estado, e atualmente é presidencialista-parlamentarista.

A África do Sul sofreu com um dos piores regimes de segregação racial do mundo, o *apartheid*, de 1948 a 1994. O regime terminou no momento em que o nobre de seu povo, Nelson Mandela, se tornou o primeiro presidente negro do país, depois de ficar 27 anos preso.

O país foi dominado, na época do neocolonialismo, por britânicos e holandeses, estes últimos chamados Bôeres (colonos neerlandeses ou alemães huguenotes). Ao longo desse domínio, 30% da população (branca) ficou com 83% das terras sul-africanas, enquanto 70% (negra) ficou com 13% das terras, os chamados Bantustões. Em 1948, sob narrativa racista, começou a vigorar a lei do *apartheid*, quando espaços públicos, residenciais, comerciais e industriais foram segregados de acordo com a cor da pele das pessoas.

Em 1970, na fase mais radical do regime, a cidadania sul-africana foi retirada de todos os habitantes dos Bantustões. Foram, então, subjugados a viver em bairros e terras definidas legalmente, onde lhes eram exigidos passaportes para irem às “áreas brancas”. Privados de buscarem oportunidades em áreas industrializadas, a população negra ficou empobrecida.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Faz 25 anos que o *apartheid* acabou, porém, a segregação ainda é bastante evidente. No leste do país, onde fica a Cidade do Cabo, predomina a população miscigenada de brancos e asiáticos (*coloured*), e o idioma africâner (derivado do holandês). O leste e norte da África do Sul, onde ficavam os Bantustões e onde estão as cidades de Pretória, Joanesburgo (maior do país) e Bloemfontein, há o predomínio de idiomas tradicionais africanos e população negra. Nos subúrbios de alta renda das grandes cidades e regiões rurais valorizadas, o predomínio é da população branca e dos idiomas inglês e africâner.

São nesses subúrbios de luxo onde estão as cidades globais sul-africanas. Entre Pretória (2,5 milhões de habitantes) e Joanesburgo (5,7 milhões de habitantes), que formam a megacidade “Jotória” (WPR, 2019), estão tomando corpo Waterfall State (Cidade da Cascata), Steyn City (Cidade do Steyn), Hazeldean, Menlyn Maine e Modderfontein.

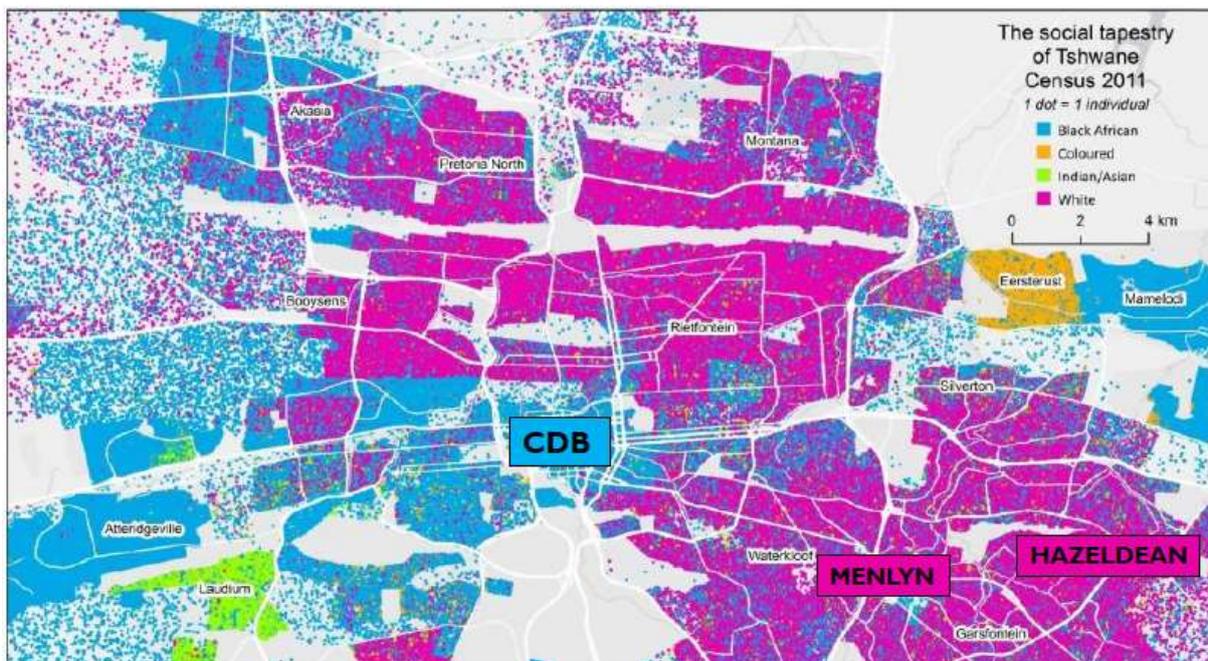
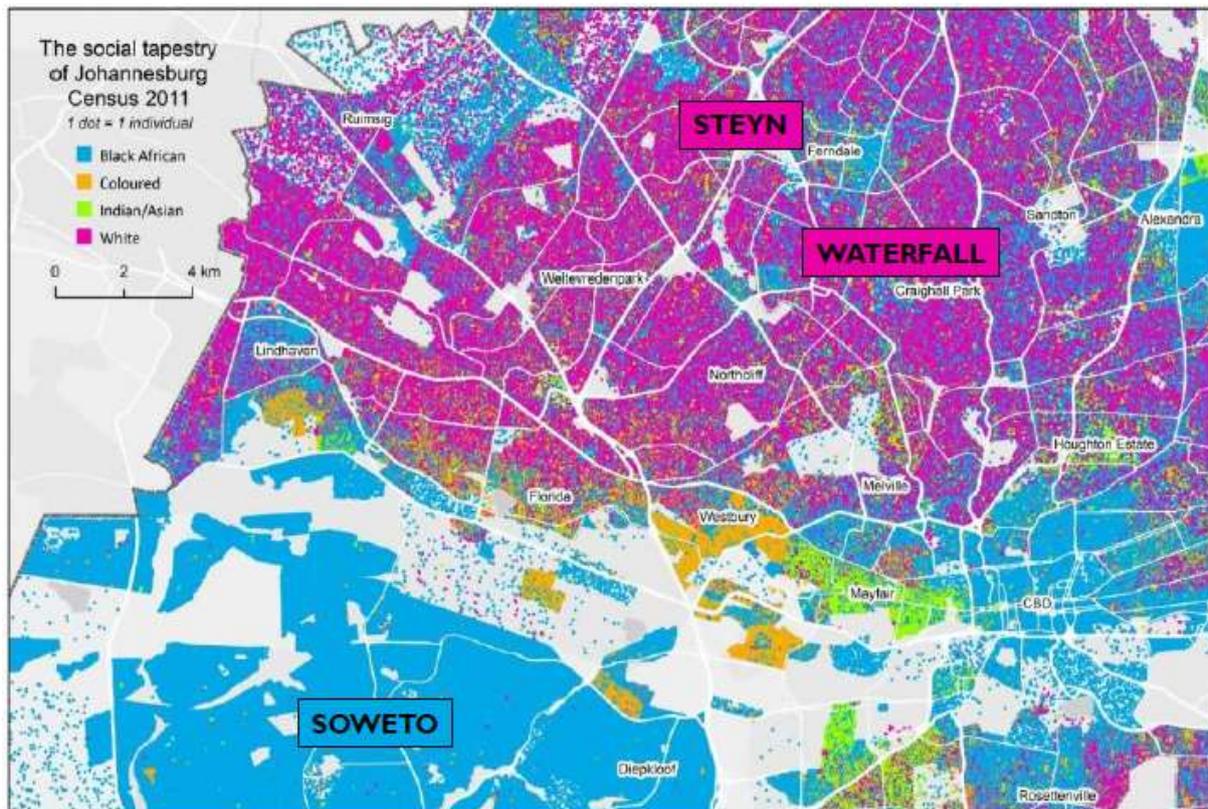
Todos são empreendimentos que acumulam fundos de milionários sul-africanos, capital no exterior (como em Steyn City e Menlyn Maine), além de europeus, japoneses, norte-americanos e chineses. São obras financiadas para alocações em grandes centros comerciais, hotéis, edifícios, indústrias de tecnologia avançada (principalmente eletrônicas e automobilísticas), além de vastas áreas de condomínios residenciais fechados, de alto padrão.

Em Pretória, apenas um dos planos urbanísticos previstos está sendo executado em área da cidade com população de maioria negra. É o CDB (Central Business District, ou “Zona Central de Negócios”). Nos mapas 2 e 3, pode-se ver melhor essa segregação.

Em Joanesburgo, com se pode ver no mapa 3 abaixo, há o maior resquício da segregação do *apartheid*, o bairro de Soweto. De população homogeneamente negra, essa região concentra metade dos moradores da cidade. No entanto, é desconectada da malha urbana, por um vazio habitacional e por falta de vias de integração, nítidos no mapa. Atualmente Soweto é classe média (1% de sua população vive em ocupações irregulares).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL



Mapas 2 e 3 – Segregação socioespacial/étnico-racial em Pretória (acima) e Joanesburgo (abaixo).

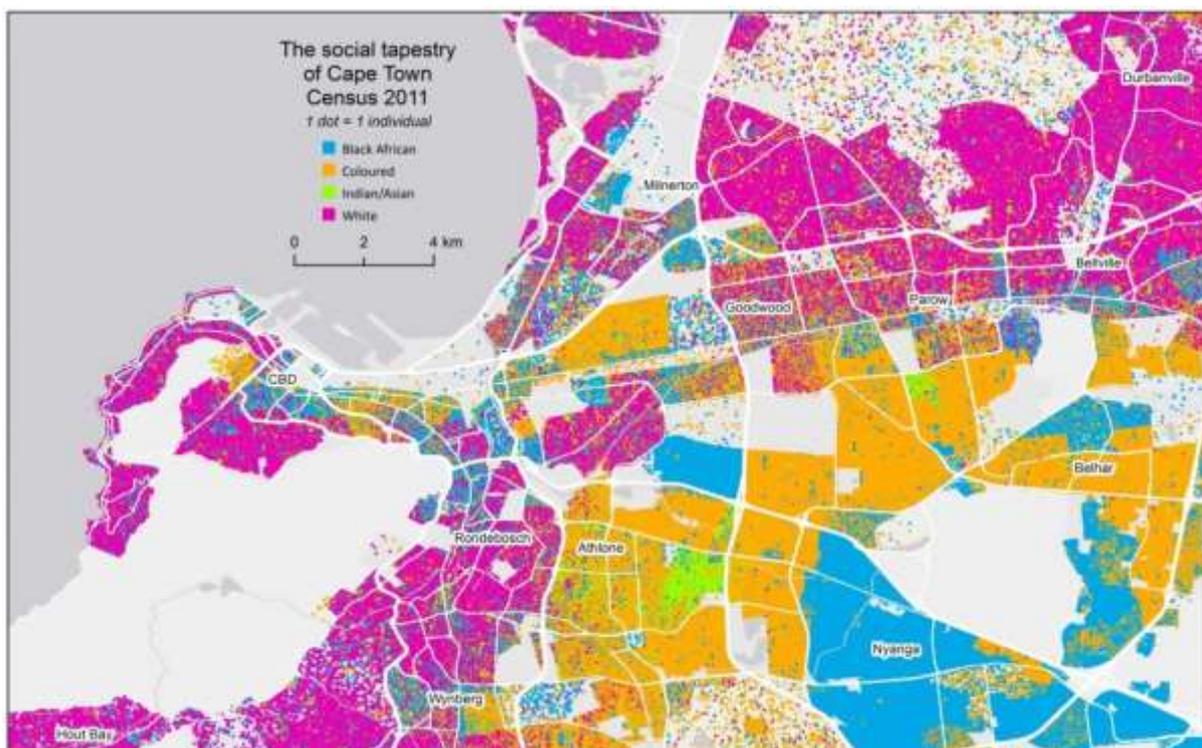
Fonte: adaptado pelo autor, de *Statistics South Africa (Stats SA)*, Serviço Sul-africano (2011).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A Cidade do Cabo, ao sul do país, possui um plano para melhorar a cidade segregada, integrando o trânsito, o transporte público e criando comunidades em rede. Possui também um plano com a finalidade de trazer os moradores de menor renda para as áreas infraestruturadas. No entanto, a herança do *apartheid* é ainda bastante nítida na divisão da cidade (ver mapa 4).

Os bairros ao longo da costa do Oceano Atlântico, mais valorizados, são de maioria de pessoas brancas. No “miolo” da malha urbana, está a predominância de bairros *coloured*. Nas periferias distantes, como era estipulado pela lei do *apartheid*, estão os bairros de população negra. Dentre esses, Nyanga (em azul, no mapa), que tem 98% de sua população de origem bantu. Essa segregação, falta de estrutura, desemprego (maior de 50%) e infecção pelo HIV, fizeram de Nyanga um dos bairros mais violentos de toda a África (SA NEWS, 2018).



Mapa 4 – Segregação socioespacial/étnico-racial em Cidade do Cabo.

Fonte: adaptado pelo autor, de *Statistics South Africa (Stats SA)*, Serviço Sul-africano (2011).

Considerações Finais



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Em cidades africanas, o colonialismo deixou profundas modificações. Antigas rotas comerciais e núcleos urbanos foram destruídos pela exploração europeia. Ainda a cultura dos povos africanos foi intensamente modificada, somada à Diáspora que, por séculos, dispersou o africano pelo mundo. Com isso, principalmente na África Subsaariana, onde o mundo islâmico não foi dominante para persistir a cultura tradicional, as cidades do pós-independência tomaram o rumo ditado por suas antigas metrópoles. A superpopulação engrossou os processos de segregação socioespacial e étnico-racial, implantados no neocolonialismo, em que a renda e a origem diziam onde a pessoa deveria morar. A partir dos anos 2000, com a maioria das nações africanas dependentes do capital estrangeiro de seus antigos colonizadores, somado ao capital de China, EUA, Índia e Rússia, as cidades começaram a despontar no cenário globalizado. São “inteligentes”, “sustentáveis”, *hightechs* e neofuncionalistas, voltadas às classes média e alta, mas seguindo a lógica da disputa pelo mercado africano, como cidades-concorrentes. Frequentemente esses empreendimentos-cidades nascem com a valorização da savana, do pôr do sol e das “formas tradicionais”. Essa nova identidade africana, dissociada da imagem de fome e pobreza dos anos 1990, busca atrair olhares para uma nova África. No entanto, as amarras do novo colonialismo, aquele do capital, ainda envolvem as cidades africanas, mostrando que o novo espaço urbano não pertence a “condenados da terra”, segundo Frantz Fanon (1961), mas a quem pode pagar.

Referências

ABUJA, Administração do Território da Capital Federal. *Facts*. Disponível em: https://web.archive.org/web/20120305215612/http://fct.gov.ng/index7732.html?option=com_content&view=article&id=45&Itemid=87. Acesso em: 25 jun. 2019.

AGWU, Philpatsy. Makoko, Lagos, Nigeria: Restoring the Ecosystem Through Symbiotic Floating Structures. Hampton University. Hampton, Virginia, 2015, 82 p.

AWAL, Mohammed; PALLER, Jeffrey. Who really governs urban Ghana? *Africa Research Institute*. 27 jan. 2016. Disponível em: <https://www.africaresearchinstitute.org/newsite/publications/who-really-governs-urban-ghana/>. Acesso em: 10 jul. 2019.

BALDWIN, Eric. Masterplan do SOM na Nigéria começa a ser construído. *Archdaily*. 15 fev. 2019. Trad. V. Libardoni. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/911176/>



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

masterplan-do-som-na-nigeria-comeca-a-ser-construido. Acesso em: 25 jun. 2019.

BEECKMANS, Luce. *A arquitetura de construção de nação na África como um projeto de ajuda ao desenvolvimento*: projetando as cidades capitais de Kinshasa (Congo) e Dodoma (Tanzânia) nos anos pós-independência. Pub. maio 2018. *Progresso no planejamento*. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.progress.2017.02.001>. Acesso em: 30 jun. 2019.

CARRANCA, Adriana. Congo: a maior guerra do mundo. *O Estado de São Paulo*. 20 out. 2013. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,congo-a-maior-guerra-do-mundo-imp-,1087710/>. Acesso em: 28 jun. 2019.

CENSUS, Population and Housing. *Population Distribution by Administrative Areas and March, 2013 Office of Chief Government Statistician President's Office, Finance, Economy and Development Planning Zanzibar National Bureau of Statistics Ministry of Finance Dar es Salaam*. Disponível em: https://web.archive.org/web/20130502230453/http://www.nbs.go.tz/sensa/PDF/Census%20General%20Report%20%2029%20March%202013_Combined_Final%20for%20Printing.pdf. Acesso em: 30 jun. 2019.

DECICINO, Ronaldo. Cidade global e megacidade - Conceitos definem tipos diferentes de centros urbanos. *Geografia. UOL*. Atual. 03 jan. 2014. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/cidade-global-e-megacidade-conceitos-definem-tipos-diferentes-de-centros-urbanos.htm?cmpid>. Acesso em: 23 jun. 19.

FANON, Frantz. *Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

FRIEDMAN, Andrew. *O momento pós-colonial global e a cidade nova americana: Índia, Reston, Dodoma*. Pub. 15 fev. 2012. Artigo de Pesquisa. Trad. livre. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0096144211428765>. Acesso em: 30 jun. 2019.

KHAPOYA, Vicent B. *A experiência africana*. Trad. Noéli C. de M. Sobrinho. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAGO, Joseph. *Africa South of the Sahara*. Ed. Europa Publications and Lain Frame. 42 Ed. Taylor and Francis Group. Routledge, 2013.

MACEDO, José Rivair. *Desvendando a história da África*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

MOSHI, Irene; MSUYA, Ibrahim R.; TODD, Gemma. *Tanzania: National Urban Policies and City Profiles for Dar es Salaam and Ifakara*. Written by Ifakara Health Institute. Glasgow: Centre for Sustainable Health and Learning Cities and Neighbourhoods, 2018.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

NAÇÕES UNIDAS. *Banco Mundial*: quase metade da população global vive abaixo da linha da pobreza. 17 out. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/banco-mundial-quase-metade-da-populacao-global-vive-abaixo-da-linha-da-pobreza/>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. *Perspectivas da População Mundial*: Rev. 2017. Departamento dos Assuntos Econômicos e Sociais da ONU. In: ONU diz que população mundial chegará a 8,6 bilhões de pessoas em 2030. Internacional. Agência EFE. Nova York, 21 jun. 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/onu-diz-que-populacao-mundial-chegara-86-bilhoes-de-pessoas-em-2030>. Acesso em: 23 jun. 19.

NATGEO. National Geographic. *Tabom*: a comunidade de descendente de escravos brasileiros em Gana. Disponível em: https://www.nationalgeographicbrasil.com/photography/2018/08/tabom-comunidade-de-descendentes-de-escravos-brasileiros-em-gana?image=20170919_fellipeabreu_accra_64733 Acesso em: 11 set. 2019.

NOSSITER, Adam. Nigerians vote in presidential election. *The New York Times*. 16 abr. 2011. Trad. livre. Disponível em: https://www.nytimes.com/2011/04/17/world/africa/17nigeria.html?pagewanted=1&_r=1&hp. Acesso em: 25 jun. 2019.

OWENS, Kathryn E. *Negotiating the City: Urban Development in Tanzania*. Diss. for the degree of Doc. Philosophy (Urban and Regional Planning) University of Michigan, 2014.

SA NEWS, South Africa News. *Nyanga, Western Cape, is still the murder capital of South Africa*. 11 set. 2018. Disponível em: <https://www.thesouthafrican.com/news/most-murders-in-south-africa-nyanga/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

TKACH, Andrew (producer); AMANPOUR, Christian (correspondent). They report on the hushed up eviction of the indigenous people of Diego Garcia to make way for one of America's most strategic air and navy bases. The full story aired on *CBS News 60 Minutes*. Adic. YouTube. 28 out. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=486&v=lxVao1HnL1s. Acesso em: 10 jul. 2019.

UNDP. *United Nations Development Program*, 2015. Disponível em: <http://www.tz.undp.org/content/tanzania/en/home/about-us.html>. Acesso em: 08 jul. 2019.

UNESCO. *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. Brasília: UNESCO, 2010. 1272 p.

WPR. World Population Review. Disponível em: <http://worldpopulationreview.com/world-cities/nairobi-population/>. Acesso em: 10 jul. 2019.